

VI CONGRESSO INTERNO DO INSTITUTO PSICOLOGIA DA USP

A PEDAGOGIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: O CINEMA COMO DISPOSITIVO EDUCATIVO

Luís Fernando de Oliveira Saraiva

Contato com o autor: luisfos@uol.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Marie Claire Sekkel

Programa de Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Nível do trabalho: Mestrado

Introdução: Com as transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas a partir dos séculos XVII e XVIII, tem se intensificado um poder que se ocupa em gerir a vida e lhe extrair ao máximo suas forças, seja na produção de corpos individuais mais produtivos, seja no controle do corpo-espécie da população. Assim, ao mesmo tempo em que se torna hegemônico um modo de subjetivação no qual domina uma interioridade dotada de capacidades, desejos, virtualidades a serem descobertos, há uma crescente preocupação com fenômenos e processos da vida, transformados em taxas a serem medidas e previstas. No encontro entre indivíduo e população, a sexualidade, ponto fundamental na gestão da vida. **Objetivo:** Nesse contexto, o presente estudo teve por objetivo investigar modos de subjetivação acionados pelo cinema no que diz respeito às diferenças sexuais, fornecendo subsídios para a problematização de práticas ditas inclusivas. **Método:** Em uma perspectiva teórico-metodológico pós-estruturalista em diálogo com a Teoria Crítica, foram analisados filmes indicados e/ou vencedores do Oscar na última década. Foram tomados filmes que traziam em suas narrativas personagens não heterossexuais (sobretudo masculinos), em diferentes épocas do século XX (décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990) e na primeira década deste século. **Resultados e Discussão:** Tomou-se o cinema como um dispositivo educativo e governamentalizante, isto é, uma extremidade na qual o poder se exerce, visando o governo de corpos e da população. Inserido na lógica da indústria cultural, o cinema ensina estilos de vida, maneiras de ser e modos de se relacionar, construindo e legitimando identidades sociais, ao mesmo tempo em que desautoriza outras. A partir da análise dos filmes, percebeu-se uma significativa mudança nas formas pelas quais personagens não heterossexuais vêm sendo apresentados. Domina a centralidade da sexualidade na inteligibilidade dos sujeitos, incitando-os, assim, a descobrirem sua verdadeira sexualidade e a exercitando em espaços de homossociabilidade e de forma que esteja adequada a modelos viris,

intelectualizados e militantes. Domina também a valorização de relacionamentos homoeróticos mais estáveis e duradouros, sobretudo familiares, em face a relacionamentos considerados promíscuos e de curta duração. **Considerações Finais:** A mudança no trato de personagens não heterossexuais se mostrou marcada por uma intensa ambivalência, apontando tanto para uma aparente ruptura com imagens pejorativas e estereotipadas, fomentadoras de preconceitos e exclusões, quanto para a incitação de processos subjetivadores nos quais dominam a domesticação das diferenças sexuais e abafamento de seu potencial contestatório e disruptivo. Percebe-se, assim, novas modelizações de não heterossexuais a partir de mudanças paradigmáticas atreladas à lógica da inclusão, fazendo perguntar que novas normalizações são operadas em práticas ditas inclusivas.

Palavras-chave: subjetividade, governamentalidade, cinema, sexualidade, inclusão social